

AS BORDAS DE ÁGUA DO GUAÍBA E A IDÉIA DE ACOLHIMENTO

Ecléa Morais Mullich

Arquiteta e Urbanista, doutoranda pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR / UFRJ.

ecleamorais@yahoo.com.br

Julian Grub

Arquiteto e Urbanista, doutorando pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura - PROPUR / UFRGS.

julian.grub@gmail.com

1. Porto Alegre e o Guaíba

“O rio é uma paisagem obrigatória, uma visão permanente, uma experiência profundamente enraizada”.

(Castello,1986,p.30)

O Guaíba¹ está diretamente ligado a memória e a imagem da cidade de Porto Alegre, presente nas discussões sobre planejamento e gestão urbana, nos temas de mestrados e doutorados, além de ser objeto de estudo dos ateliês de projeto arquitetônico e urbanístico desenvolvido nas universidades do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, o Guaíba constitui um modo de dizer e falar de Porto Alegre marcado nos cartões postais, fotografias, músicas e poesias.

“Terra de todas estações

Do verde à aquarela dos ipês

Os barcos no Guaíba a passear

Na Rua da Praia, ver a Usina anoitecer”

(trecho da música Terra do Bem Viver de Nei Lisboa)

¹ Segundo o projeto de despoluição Guaíba Vive, as águas dos rios rio Jacuí, Gravataí, Sinos e Caí desembocam nas proximidades da ponta do Gasômetro formando o Guaíba, que por sua vez desemboca na Lagoa dos Patos.

Atualmente, a tese aceita pela comunidade científica e principalmente pelos geógrafos é de que o Guaíba seja um lago, apesar de ser amplamente conhecido como *Rio* Guaíba. As características de correntes, ventos e vegetação das margens levam a concluir que o Guaíba seja um 'lago', apesar de existirem estudiosos que continuam afirmando que o Guaíba seja um rio. Aqui, em virtude dos modos de apropriação e das relações afetivas com o Guaíba, trataremos enquanto rio.

A relação entre cidade-rio e rio-cidade é identificada através dos estudos de Clichevsky² (1984), Souza³ e Müller (1997) e a partir do levantamento realizado no atelier⁴ de Especialização em Patrimônio Cultural Urbano em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFGRS), que serviu de base para o desenvolvimento da dissertação de mestrado⁵ defendida em 2011, no PROPUR-UFGRS. A partir desses estudos observou-se que o rio constituiu um importante elemento geográfico para a implantação do núcleo formador da cidade. Devido a esta condição, Porto Alegre desenvolveu-se economicamente através do porto - com a exportação e importação de produtos agrícolas e manufaturados, aliado às atividades da pesca, principal fonte econômica das ilhas até a década de 1960.

Segundo Clichevsky (1984), no período de ocupação até o século XIX, a ligação com o sul do estado era feita por via fluvial. A ligação da sociedade com o rio era de forma direta através do transporte, das procissões religiosas e do lazer. Parte da população do centro da cidade utilizava os balneários da zona sul, pois o rio não apresentava sinais de contaminação.

No período de consolidação, final do século XIX até 1945, acentua-se o distanciamento entre a área central e o Guaíba devido à densificação da área construída. A população cresce juntamente com as atividades industriais e comerciais.

“A indústria se localiza na zona norte da capital e nos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo, nas margens do rio dos Sinos; estas indústrias pertencem ao ramo de curtume e calçados na sua maior parte, e muitos deles, pelo tipo de indústria e a tecnologia empregada, são altamente poluidores hídricos”. (Clichevsky, 1986, p.47)

² Clichevsky faz uma análise da inter-relação ambiental entre Porto Alegre e o Guaíba dividindo em três momentos: o período da implantação da cidade no século XIX, o período de consolidação do século XIX até 1945 e o período de metropolização a partir de 1945.

³ SOUZA e MÜLLER abordam a evolução urbana em cinco fases que correspondem aos períodos históricos da cidade: Ocupação do território de 1680 a 1772, Trigo entre 1772 a 1820, Imigração de 1820 a 1890, Industrialização de 1890 a 1945 e, por último a Metropolização, após 1945.

⁴ Ateliê ministrado pelos professores: Doutor Décio Rigatti, Mestre Luis Merino Xavier, Doutoranda Andrea Braga. III Módulo do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROPUR – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Morais (2011) desenvolveu um estudo sobre a ocupação urbana contemporânea em áreas de proteção ambiental: o caso da Ilha Grande dos Marinheiros em Porto Alegre/RS. Este estudo constitui outra forma de ver a relação da cidade com o rio, ou seja, a partir das ilhas que compõe o bairro Arquipélago da cidade.

O período de metropolização da cidade, segundo Souza e Müller, ocorre a partir de 1945. Na década de 1960⁶, a cidade e seus municípios vizinhos passaram a formar um todo orgânico que reclamava de iniciativas e soluções metropolitanas. Conforme o censo de 1970 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Porto Alegre possuía 885.545 habitantes e a estimativa para 1980 era de 1 milhão de habitantes. Assim como a cidade cresce, o lago continua se deteriorando, perdendo a sua balneabilidade.

Na década de 1970 a construção do muro da Mauá tornou-se uma barreira física e visual afastando a relação do rio com a cidade. Segundo o Departamento de Esgotos Pluviais (DEP) o muro foi construído a fim de evitar catástrofes semelhantes à enchente de 1941. A partir deste fenômeno, no final da década de 1970 e década de 1980, a cidade tenta reaproximar a população do Guaíba através da criação do Parque Marinha do Brasil e do Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Parque Harmonia) possibilitando a utilização de áreas públicas para recreação junto ao rio. No fim da década de 1980 surgiram projetos de despoluição das águas do rio como, por exemplo, o Projeto Pró-Guaíba⁷ e o Guaíba Vive⁸. Na década de 1990, o Centro Cultural da Usina do Gasômetro, Cais do Porto com programações permanentes e efêmeras realizadas ao longo da orla do rio e, posteriormente, a inauguração da Fundação Iberê Camargo em 2008 também estão aproximando o contato visual com o rio e possibilitando uso e ocupação do espaço público (Fig.01).

⁶ A opção em trabalhar por décadas é por falta de precisão de datas devido à diversidade de informações publicadas em função dos projetos para a cidade.

⁷ O Projeto Pró-Guaíba é iniciativa do governo do estado a fim de despoluir as águas do Delta do Jacuí. Fonte: Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

⁸ Referência áudio-visual. Realização: Prefeitura de Porto Alegre, 1998.

Este vídeo é sobre o Programa Guaíba Vive, mostrando a sua criação no final dos anos 80 e suas realizações até a data da realização do vídeo. Este programa é uma iniciativa da prefeitura de Porto Alegre com o objetivo de devolver a balneabilidade da zona sul da cidade.

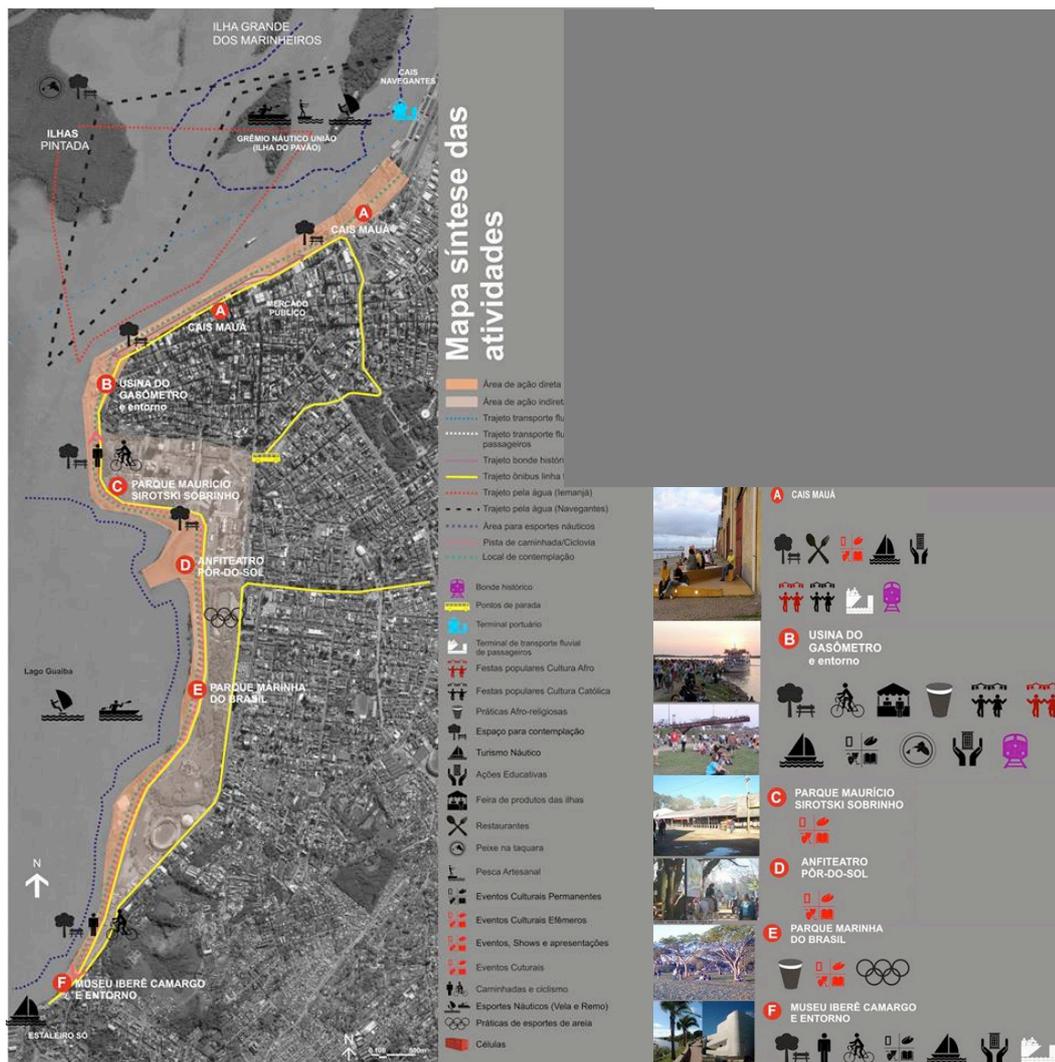


Fig.01. Mapa síntese de atividades da Orla do Guaíba. Fonte: Ecléa Morais, Lúcia Melchior.

Dentre as atividades podem-se citar:

- A Bienal do Mercosul, Mix Bazar, aluguel dos armazéns para festas no Cais do Porto.
- Fórum Social Mundial, acampamento farroupilha nos parques Marinha do Brasil e Sirotski Sobrinho.
- Shows e eventos no anfiteatro Pôr-do-Sol.
- Feiras de artesanato, cursos, exposições, teatro, passeios de barco na Usina do Gasômetro e entorno.
- Corridas, caminhadas ecológicas ao longo da orla.

- Passeio de barco no Cisne Branco, saída portão central do Cais do Porto. Este passeio acontece todos os dias, tendo a possibilidade para as escolas usá-lo para passeio de estudos.
- Bar, livraria e café no Centro Cultural da Usina do Gasômetro.

No entanto, enquanto a população ocupa as margens do rio através das práticas sociais, religiosas, atividades de lazer, esporte e ou apenas contemplação da paisagem, a cidade está passando por um processo de modificação espacial e social, pautado numa visão neoliberal de cidade, oriundo dos exemplos de planejamentos estratégicos que visualiza a cidade como um mero negócio (VAINER, 2000).

A visão neoliberal de cidade é reafirmada através do edital lançado em 2003 pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com aprovação do Conselho Municipal do Plano Diretor, para que as empresas privadas manifestassem o interesse no projeto de revitalização da Orla do Guaíba. Essa atitude fez com que a população se manifestasse contra os encaminhamentos do setor público, uma vez que, a lei orgânica do município estabelece que “os interesses da iniciativa privada não podem se sobrepor aos interesses da coletividade”⁹. É a partir deste contexto que este artigo tem enquanto objetivo identificar, expor, explorar através de um ensaio a idéia de acolhimento usando as bordas do rio como parâmetro afetivo no uso e apropriação do espaço público. Nesse sentido, este artigo será dividido em cinco partes: discussão preliminar sobre as bordas de água, abordagem das relações de acolhimento, identificação das relações de acolhimento através das bordas de água do Guaíba e considerações (não) finais.

2. Falando de bordas de água

As bordas de água neste trabalho faz referência à interface cidade-água entendida como um limite entre dois espaços, mas que ao mesmo tempo, permite ação mútua e trocas entre ambos (cidade-água, água-cidade). As bordas também aparecem enquanto limites nos estudos de Kevin Lynch (1960) sobre a Imagem da Cidade, constituídos por duas regiões distintas, que configuram quebras lineares na continuidade. Estes limites são aqueles que além de constituírem barreiras visuais, são concebidos como obstáculos físicos, sem permeabilidade à circulação, mas também podem apresentar qualidades espaciais

⁹ Artigo 126 da Lei Orgânica, 1990.

diferenciadas (muito larga ou muito estreita), tratamento intenso de vegetação e ser visíveis de outras partes da cidade, ou possibilitarem amplos visuais de e para outras partes da cidade.

A definição de borda também aparece em quanto um extremo ou margem de algo, ou seja, pode ser entendida enquanto um confim no qual se verifica um limite, perfil ou figura que fecha uma forma, gerando um fecho perimetral. Segundo Arroyo (2007), no espaço urbano, as bordas podem gerar um fenômeno que se registra tanto na ordem física da cidade como na ordem simbólica: uma via marginal não só implica o limite entre a terra firme e a passagem à água como também um encontro entre cidade e natureza.

Na literatura americana o termo borda aparece enquanto *edge* - extremidade de um caminho, onde as diferenças podem ser vistas e sentidas pela variação de gabarito horizontal e vertical, adensamento, tipos e quantidades de espécies (BROCANELI, 2008). Porém também é usado como *waterfront* (margens de água) para designar espaços que tiveram intervenções arquitetônico-urbanística, como é o caso de Baltimore nos EUA, objeto de investigação de David Harvey (1996a; 2000). Segundo ZAÚ e FREITAS (2007) são as bordas criadas pelo homem, que vêm gerando grande preocupação para o planejamento e gestão das cidades.

No campo filosófico as bordas aparecem de forma abstrata, virtual, enquanto traço invisível, indivisível que separa o dentro/fora e, que ao mesmo tempo, pode constituir o não fora e o não dentro. Segundo Derrida (1978) o dentro/fora está relacionado à figura do *parergon*, ou seja, uma moldura que possui interrupções e que permite pensar os limites tanto nas artes quanto no campo das ciências sociais aplicadas. Nesse sentido o *parergon* abre uma possibilidade de problematizar os elementos que constituem o “fora” e o “dentro”, permitindo questionar os (não) limites geográficos propostos para as bordas de água, supostamente, marcados pelo projeto, como algo que não tem limite, nem início, centro e fim, que está em constante devir, desconstruindo o desenho enquanto regulador e limitador dos espaços urbanos. Esse entendimento é importante porque permite questionar as consequências e efeitos dos projetos urbanos contemporâneos, não somente para o trecho de borda que foi implantado, mas para a unidade de vizinhança, bairro, usuários e, assim por sua vez, para a cidade.

Dessa forma, pensar as bordas de água a partir da aproximação da Filosofia com a Arquitetura e Urbanismo, abre uma possibilidade para identificar as características imateriais que não são pautadas no planejamento usual de bordas de água. Estas características poderiam estar vinculadas às formas, não somente desenhadas pela arquitetura e o urbanismo, mas pelo maciço de áreas verdes, nos cheios e vazios urbanos, no desenho das calçadas e esquinas

tortas e pela animação urbana (JACOBS, 2000). Além disso, pensar a imaterialidade é também dizer sobre cheiros (mata, terra, esgoto, fumaça), cores (texturas), luzes (brilho, transparência, sombras, opacidade), sons (água, animais, carros, pessoas passando, passos, manifestos em prol da proteção ambiental) e pessoas que se apropriam e dão significados múltiplos ao lugar.

Buscando romper e problematizar as novas formas de ocupação das bordas de água, impostas por um modelo de cidade neoliberal que utilizam as características físicas (topografia, áreas verdes, solo, clima), legais (leis ambientais e urbanísticas¹⁰) e as formas de ocupação da população (lazer, esporte, turismo, comércio e habitação) enquanto potências a acumulação de capital, este trabalho pretende inserir os usuários e suas relações de afeto e acolhimento com as bordas de água que independem de intervenções projetais. Nesse sentido faz-se necessário abordar conceitualmente as relações de afeto e acolhimento com a cidade para depois identificar estas relações a partir de fotos, imagens e desenhos sobre a orla de Porto Alegre.

3. Cidades amorosas e a idéia de acolhimento

“Vivo no outro, vivo na loucura de não habitar em mim mesmo”.

(Fernando Fuão)

Se olharmos com atenção para os lugares das nossas cidades observarmos com frequência o inóspito. Espaços cada vez mais hostis e fechados, sem rostos, sem expressão. Apenas lados e costas, muros sobre muros, corpos urbanos segregados, separados por partes, restos, territorialmente isolados pelas diferenças sociais e econômicas. Observa-se então a manifestação do abandono urbano numa cidade potencializada através de intervenções projetuais em bordas que promovem o espetáculo e ao mesmo tempo, o isolamento. A cidade torna-se um imenso campo de reclusão, estruturado através da idéia de segregação, desagregando, rompendo, não acolhendo.

Acolhimento assim manifesta-se em qualquer coisa que nos afete pela ação do homem, tudo pode ter na sua essência acolhimento, um banco, uma praça, uma rua, a

¹⁰ As legislações ambientais referem-se, essencialmente, ao Código de Água (Decreto nº 24.643 de 10 de julho de 1934), Código Florestal (Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012), Resoluções do CONAMA (Lei 9.985 de julho de 2000) e as leis urbanísticas aqui correspondem ao Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001), Lei de Parcelamento do Solo (Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979) e Planos Diretores.

pavimentação, a casa, um rio, as visuais da paisagem ou das suas margens. Tudo pode ser (re)construído para ser acolhedor, tendo na essência a vontade de ser a partir do outro, pensado a partir do outro. Segundo Fuão (2012) o acolhimento é abrir, dar passagem, ser acolhedor, mais que física é uma questão ética. A idéia de inclusão passa pela hospitalidade, o hóspede que hospeda, acolhe, cuida, espera, aceita a diferença (Fuão, 2012).

A partir da vontade da hospitalidade tudo pode ser resignificado para hospedar, ser acolhedor, um viaduto, uma passarela, um gesto, um abraço, um sorriso. Soterrado num discurso funcional e lógico da modernidade e da ciência, a hospitalidade não está no espaço, mas no usuário que dá sentido a definição de espaço e sua livre apropriação. A idéia de hospitalidade e acolhimento é apresentada por Jacques Derrida como pensador de uma ética da alteridade. Para Derrida (1997) a hospitalidade como sinônimo de acolher refere-se ao ato de receber, ou seja:

“Só recebe na medida - uma medida desmedida - em que ele recebe para além da capacidade do eu. Essa desproporção dissimétrica marcará a lei da hospitalidade" (Derrida, 1997, p. 43).

Toda hospitalidade que se recebe é encontro, encontrar-se, ser aberto a tudo e a todos. Segundo Fuão (2012), o acolhimento não é apenas gesto, mas movimento, pode ser amância enquanto política da amizade e do amor. Para Derrida (1997) o movimento de acolhimento é um ato ético, ou seja, esse 'outro' enquanto hóspede será o errante, o estrangeiro, sempre o diferente. Fuão (2012) argumenta que é impossível pensar hospitalidade apenas em sua relação com o lugar, mas pensar a partir da manifestação do homem sobre o lugar resignificando esse espaço num outro espaço, espaço da amorosidade.

A hospitalidade não pertence ao espaço original e nem aquele que hospeda, nem ao convidado, mas ao gesto oferecido, acolhendo o outro. Em termos arquitetônicos e urbanísticos, físicos, urbanos, enfim concretos, é dar lugar ao lugar, abrir o lugar, dar passagem, dar passo ao outro. Curiosamente a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas no indivíduo (Fuão, 2012 pg. 49). Como se refere Derrida no livro Da hospitalidade, escrito junto com Anne Dufourmantelle:

“(…) é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental fundadora e impensada da história da nossa cultura.” (Derrida, 2003, p.16)

Portanto, hospitalidade como sinônimo de acolhimento é cuidar, amar, é incondicional. Ela remonta a antiga hospitália romana, o lugar onde se cuidava os seres hospitalares, o lugar onde se trata do outro, morada dos acolhimentos. Lugar de hospitalidade é lugar de abrigo, onde se recebe, a casa, lugar que dá lugar ao lugar. Para pensar a cidade como movimento de acolhimento devemos pensar a cidade como vontade de arte, arte como ato de experiência da vida, vivenciando e transformando os lugares em espaços éticos e não simplesmente estéticos (Fuão, 2012b pg. 49).

Receber o outro é um gesto de acolher, o amigo e o inimigo, o estrangeiro e o estranho. Ela funda-se no próprio lugar, na dúvida, na incerteza, na indecidibilidade e principalmente na impossibilidade de uma retribuição, pois lugar não pede nada em troca (Fuão, 2012a pg.65). O lugar de acolhimento é produzido pela espera, pois não existe espaço enquanto o inesperado não chega, um lugar sem lugar enquanto o outro não ocupa o seu interior. No caso das cidades, especificamente das bordas de água, o acolhimento também ocorre através das extravagâncias do amor do pedestre por suas margens. Seja através de sua singularidade física, por lugar público proporcionando lazer, esporte, cultura ou pelo simples motivo de oferecer potência de encontros, descobertas, lugar de identidade e reconhecimento a partir do outro, território de todos, lugar de possibilidades e acontecimentos. Para Roland Barthes (1997) amor acontece nos encontros e pelas perdas de significados de cada um ao deslocar-se para o outro. Tais encontros também são definidos por Derrida (2003), que cita:

"O hospedeiro toma e acolhe, mas sem tomá-los. Assim se entra do interior: o senhor do lugar está em seu lugar, mas ele também acaba de entrar em casa graças ao hóspede - que vem de fora. O senhor, então, 'entra de dentro' como se viesse de fora." (DERRIDA, 2003, p.11).

A partir da abordagem de acolhimento, das relações de hospitalidade e de encontros que esse ensaio volta-se, descrevendo e identificando as formas de acolhimento através da paisagem, geografia, visuais que se relacionam com os desenhos das bordas de água das cidades e os afetos gerados pelo seu reconhecer.

3.1 As formas de Acolhimento

Acolher está relacionado ao sentido de cola, daquilo que colhe, cuida, etimologicamente da palavra símbolo: collé, colli, no qual o colli-gere corresponde a origem da religião. Segundo Heidegger (2006) a idéia de acolher está também relacionada a ponte, enquanto ligação, um entre que uni o diferente.

A idéia de acolhimento pode ser representada pelas formas côncavas, nas dobras onde se encontram o gesto de abrigo, proteção, o abraço, é a concavidade ulterior que recebe. Imagética e morfologicamente são os limites da natureza, construídas a partir de suas bordas. Diferentemente das extensas praias são as enseadas e as baías. Caracterizadas pelas curvaturas construídas pela ação da natureza.

“Essa curvatura da natureza faz a abertura para outro tipo de pensamento e abre a possibilidade de se ingressar o estudo das formas, das formas arquitetônicas e urbanas em novas leituras” (FUÃO, 2012 pg.55).

Assim, como a curvatura da colher que guarda em si algo, o acolhimento é a dobra do corpo tensionado que recebe o outro. Fuão (2012) coloca que a dobra nasce como evento ao produzir as formas da espera, esperança para que o acolhimento à hospitalidade se realize. A dobra não tem lado, ela é o entre, o meio e esta nos dois lados ao mesmo tempo. Sua imagem será um fractal, reflexo do outro, nem dentro nem fora. Assim, a dobra não é sinônimo de acolhimento, pois ela não esta na dobra, mas ela expressa a idéia de acolhimento , pois através da dobra ocorre a abertura, possibilidade de chegada dos outros , para Levinas essa abertura é o acolhimento.

O acolhimento pode estar em todo lugar, está nos encontros da natureza, nas relações entre a água e a terra, nas suas bordas, nos limites que configuram uma enseada e/ou a margem. As flexões de dobra sobre a natureza constituem as margens que configuram-se em duas leituras: a primeira quando o fechamento sobre si ocorre a fissura ou fratura, talho, fresta, abertura para o mar, acolhendo em sua interioridade e a segunda leitura, quando se fecha totalmente tornando um lago ou ilha, como gesto supremo de recolhimento, de guardação da terra ou da água.

As bordas de água pode ter um sentido de espera, contenção no qual a natureza se mostra, um gesto de acolhimento natural, incondicional, pois todas as características da natureza se veem reunidas e guardadas uma em relação às outras. A partir do diagrama de acolhimento (Fig.02) observa-se que a forma côncava, diferentemente das linhas retas que

negam a dobra, não existe lados, pois constitui o todo, aquilo que está próximo, ao lado e/ou junto. A partir do centro da forma côncava é possível ter a mesma visão das bordas, de forma compartilhada, ao contrário de uma forma linear que não tem uma noção de totalidade. Na borda ocorre o enfrentamento dos limites do um com o outro. Ao contrário do caminho, da caminhada, da errância que faz deslocar, experimentar como gesto de movimento, a enseada propicia a contemplação, o recolhimento (Fuão, 2012c).



Fig 02. Diagramas do acolhimento. Fonte: Fuão, 2012

Essas diferentes formas geográficas que acolhe e dá abertura a dimensão humana por sua concavidade expõe a fissura, a fenda o encontro com a natureza do ser. Representada pelas suas formas: baía, enseada, a forma V ou U, abertura, estreito e meia lua. Segundo Fuão (2012) os limites da concavidade, formas terminantes como a península, o cabo, o dedo, a ponta, o cotovelo, o joelho e todas as articulações constituem redobras, dobras acentuadas, que se lançam para o outro, para o outro lado. Nestes lugares como as esquinas, reconhecemos toda a margem, toda a enseada, toda concavidade constituindo um lugar da descoberta, do que existe do outro lado, de outros pontos de vista. Porém o acolhimento não está apenas nas formas curvas, também pode estar contido com menor potência nas dobras e giros da linha reta (Fuão, 2012c).

A partir da descrição das formas de acolhimento visualizadas através da geografia buscou-se realizar um estudo empírico observando as relações de afeto e acolhimento a partir da constituição física e social nas bordas de água do Guaíba, em Porto Alegre-RS.

4. Identificação das relações de acolhimento através das bordas de água do Guaíba.

A identificação das relações de acolhimento nas bordas de água do Guaíba em Porto Alegre-RS foi realizada a partir de colagens que mesclaram fotos aéreas, imagens do *google street view*, croquis e fotografias de registro pessoal. As fotografias foram realizadas a partir de um percurso iniciado na Usina do Gasômetro (centro histórico e marco referencial da paisagem de Porto Alegre) até Ipanema (bairro zona sul). O objetivo deste percurso foi

registrar os modos de uso e ocupação da população através das questões afetivas geradas pela geografia do território.

Representado por mapas e diagramas, o percurso estrutura-se em 8 setores elaborados a partir das formas geográficas e seu poder de atração pela idéia de acolhimento. Desta maneira o ensaio organiza-se em três formas de representação e leitura: A primeira expõe a definição dos setores por meio de imagens aéreas (Fig.03) e a geografia do acolhimento. O segundo diagrama (Fig.04) procura, por meio de imagens do percurso, explorar a experiência do usuário nos espaços de bordas, e por último um diagrama conceitual (mapa do acolhimento, Fig.05) das formas de interação a partir dos afetos gerados pela paisagem do território da água (flexões de dobra e as relações de hospitalidade).

A partir da análise da geografia das margens considerando as formas de acolhimento definiram-se os setores, como espaço de espera e acolhimento (setor 2, 4, 6, 8) e continuidade e errância (setor 1, 3, 5, 7) (figura 3).

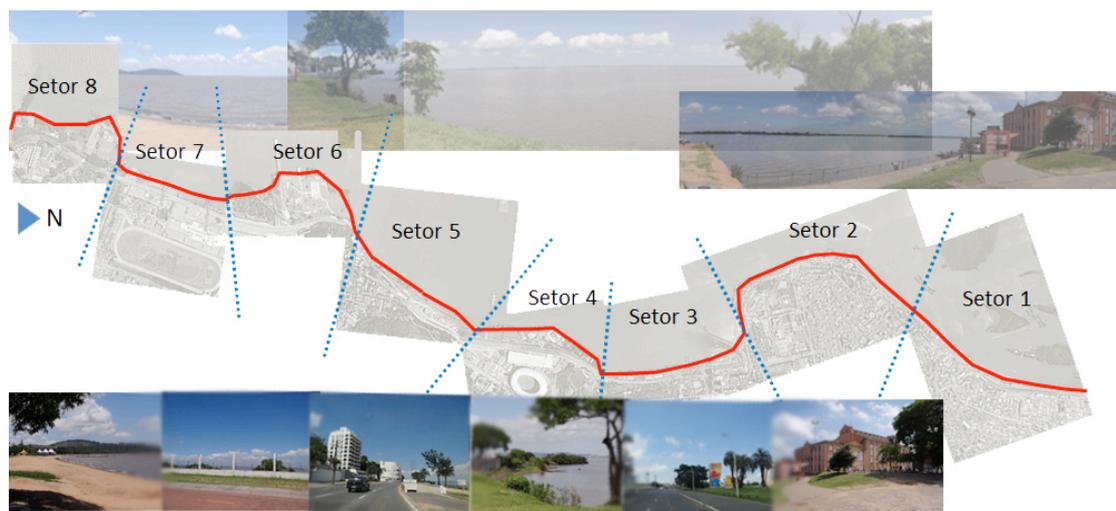


Fig 03. Geografias do afeto: diagramas dos setores a partir da flexão da dobra. Fonte : autor

Num segundo momento questões imagéticas dos lugares como forma de experiência foram analisadas a partir do percurso dos setores gerando um diagrama conceitual ou um diagrama de forças da paisagem expondo os lugares de permanência e passagem (figura 4).

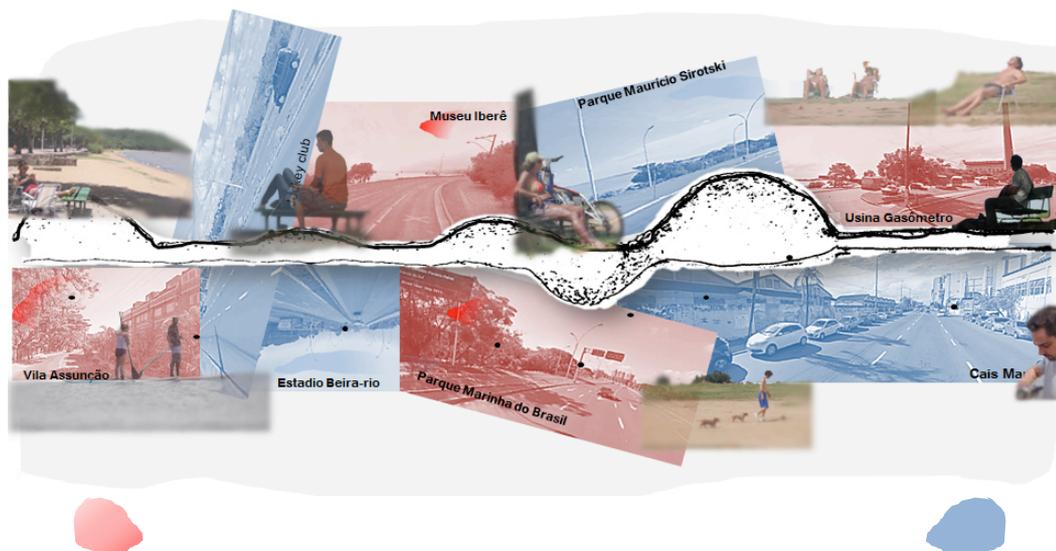


Fig 04. Diagrama de percursos e usos a partir da experiência dos usuários. Fonte : autor

E por fim o mapa do acolhimento e hostilidade, de forma a retratar as possibilidades de afetos geradas através da paisagem (borda) e a apropriação pelo homem (figura 5).

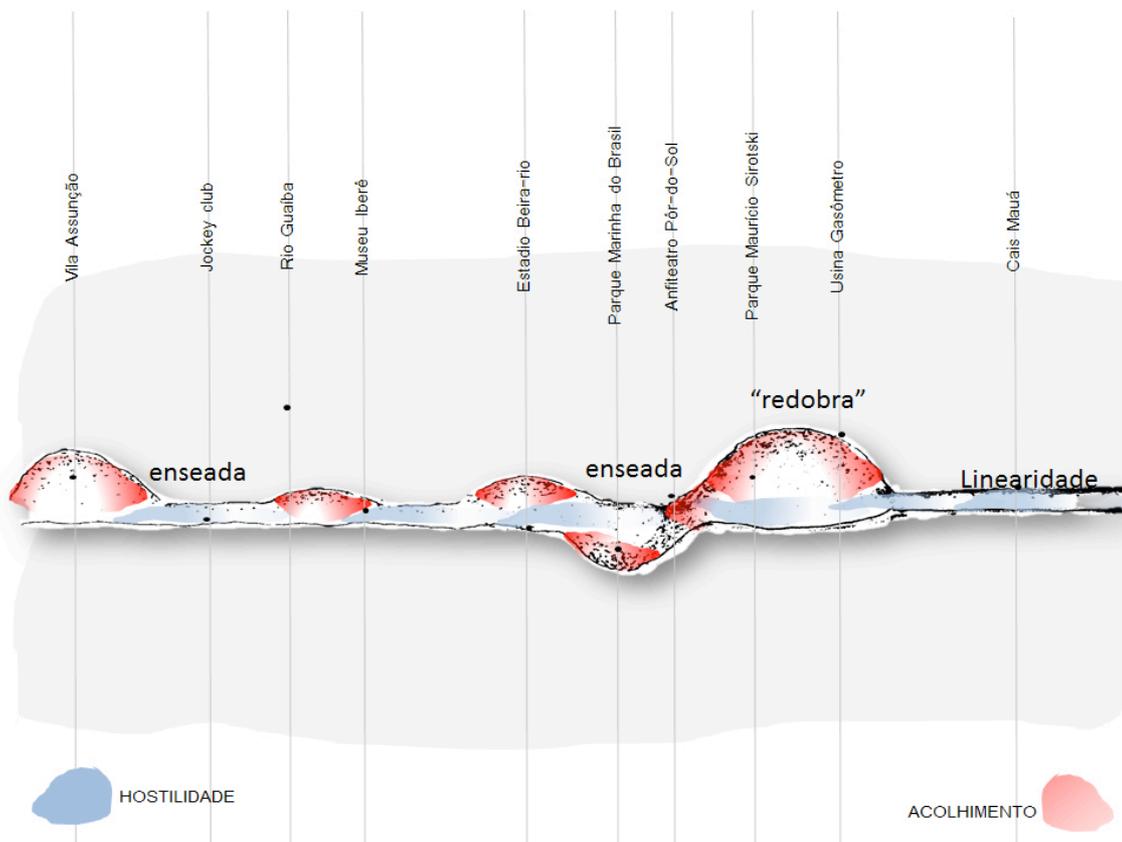


Fig 05. Mapa conceitual: as formas do acolhimento nas bordas de água do Guaíba. . Fonte : autor

5. Considerações (não) finais

As relações da cidade com o rio passaram por alterações ao longo da evolução urbana da cidade através dos períodos de ocupação, consolidação e metropolização, apresentados na abordagem de Porto Alegre com o Guaíba. Embora possam ocorrer mudanças espaciais e sociais na orla da cidade, oriundo do início de implantação do projeto Cais Mauá, os portoalegrenses mantêm forte identificação com a água. Estas relações são identificadas através das músicas, poemas, manifestações políticas e a partir do uso e livre ocupação dos espaços públicos (lazer, cultura, esporte, religião).

A imposição dos novos usos para a Orla do Guaíba só foi conhecida pela comunidade através da primeira e única audiência pública solicitada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul (IAB-RS) à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, que ocorreu em outubro de 2013. Outra grande polêmica do projeto refere-se ao alargamento do sistema viário, utilizando a praça em frente ao Gasômetro para estacionamento removendo árvores e moradores de rua que ficam sob as instalações do aero móvel (desativado) e a criação do shopping center no lugar da marina pública, que tem uma das vistas mais privilegiadas do pôr-do-sol do Guaíba (orgulho dos gaúchos).

A partir dos diagramas observou-se que as formas geográficas que abrem e ou encerram paisagens criam espaços de permanência e de passagem que independem de infraestrutura de pavimentação e/ou presença de equipamentos urbanos, mas está relacionada com a paisagem e com as relações de afeto que a população tem pela orla, possibilitando o uso democrático e inclusivo nas bordas de água. Em outras palavras, observa-se que as formas de planejamento que é pautado através de uma organização técnico-racional do território e a implantação dos grandes projetos urbanos, tomando como exemplo o Projeto Cais Mauá, não são e nem serão detentores e controladores do espaço de borda de Porto Alegre.

6. Referências Bibliográficas:

Arantes, Otília. Vainer, Carlos; Maricato, Ermínia. 2000. **A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos**. Petrópolis: Vozes.

Ballester Candice, Brito Sibeles, Hachmann Rosely, Melchior Lucia, MORAIS Ecléa, TOMIO Iara. **Orla do Guaíba**. 26/09/2007. Professores: Doutor Décio Rigatti, Mestre Luis Merino Xavier, Doutoranda Andrea Braga. II Módulo (fase de levantamento) - Atelier do II

Curso de Especialização em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROPUR – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CASTELLO, Lineu. 1984. Percepção Ambiental: **Interrelações Porto Alegre – Rio Guaíba**. In: *Interrelações Ambientais: Porto Alegre e o Rio Guaíba*. (Coord) Lineu Castello,.

DERRIDA, Jacques. 2005. *Rogues. Two essays on reason*. California: Stanford University Press,.

_____. Jacques, 1993. **Khôra**, Galilée, Paris,.

_____. Jacques. 1978. **La vérité en peinture**. Paris: Champs-Flammarion,.

_____. Jacques. 2012. **Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível**. Florianópolis, Ed. Ufsc,.

KIPNIS, Kpnis, LEESER, Thomaz [Org.]. 1997. **Chora L Works Jacques Derrida and Peter Eisenman**. New York: The Monacelli Press,.

LYNCH, Kevin. 1960. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press,.

MENEGAT Rualdo, 1998. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Editora da UFRGS, RS; 238p.

PESAVENTO, Sandra. 1991. **Memória Porto Alegre - espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre,.

PLANDEL - Grupo de Planejamento do Parque Estadual Delta do Jacuí, **Plano Básico**, 1979. Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria do Planejamento Municipal.

SANHUDO Veiga Ary, **Porto Alegre – Crônicas da minha cidade**. Editora Movimento. Sesc Porto Alegre.

SCLIAR Moacyr, 1997. **Porto de histórias – Mistérios e Crepúsculos de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS,.

SOUZA, Celia Ferraz de; MÜLLER, Dóris Maria. 2007. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS,.

SANTOS, Olivia Niemeyer. 2010. **A experiência do limite: a tradução de La Vérité en peinture**. Tese de Doutorado. Campinas, SP :.

VENTURI, Robert. 1972. **Learning from Las Vegas**, Massachusetts, MIT Press,.

ZAÚ e FREITAS .2007. **Efeitos de Borda em um trecho de Floresta Atlântica, Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil: Estrutura física da vegetaçãoarbóreo-arbustiva**. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu – MG.

FUÃO, F. Freitas. 2012A . **Jacques Derrida & arquitetura**. 1.ed. Rio de Janeiro:

DERRIDA, Jacques. 1997. **Adeus Levinas**. São Paulo: Editora Perspectiva.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. 2003. **Da Hospitalidade**. São Paulo: Editora Escuta, , p. 16.

FUÃO, F. Freitas. 2012B. **A hospitalidade na arquitetura**. Porto Alegre,. Disponível em: <http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/09/a-hospitalidade-na-arquitetura.html>

HEIDEGGER, Martin. 2006. Construir, Habitar, Pensar. In: Ensaio e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed.

FUÃO, Fernando. 2012C. **As Bordas do Tempo**. Porto Alegre,. Disponível em:

<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/as-bordas-do-tempo-ideia-de-collage>

BARTHES, Roland. 1977. **Fragments de um discurso amoroso**. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, , p.84

Sítios eletrônicos:

http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=20509&p_secao=56&di=2013-10-14

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=151

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_noticia=150618&ORLA+SUL+:+SEM+INARIO+DEBATE+ALTERNATIVAS+DE+DESENVOLVIMENTO

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490&search=rio-grande-do-sul|porto-alegre|infograficos:-informacoes-completas>